
A coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst” da Editora Globo: materialidade dos livros e outras estratégias editoriais¹

Taynara do Nascimento IRIAS²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Publicada pela Editora Globo entre 2001 e 2008, a coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst” foi a primeira reedição das obras completas da escritora. Com base nas discussões propostas por Chartier (2002), Lefevere (2007), Bourdieu (1996), Genette (2009) e Toledo (2010), este trabalho analisa a materialidade e outras escolhas editoriais adotadas nos volumes impressos dessa coleção, comparando-as às primeiras edições e discutindo sobre o impacto dessas estratégias editoriais para a recepção das obras³. A partir disso, observamos várias modificações relacionadas a motivações da editora e do organizador da coleção, com direcionamentos específicos de leitura e de públicos-alvo.

PALAVRAS-CHAVE: coleções de livros; Obras reunidas de Hilda Hilst; Editora Globo; materialidade dos livros; processos de edição.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao discutir sobre o conceito de mediação editorial, Roger Chartier (2002) destaca o quanto os suportes materiais e os atores envolvidos no processo de publicação das obras participam da construção dos significados dos textos. Na mesma linha, André Lefevere (2007) destaca que os processos de edição (por ele denominados reescrituras) / seus agentes (reescritores) interferem na canonização e recepção das obras literárias. A partir do que analisa tal teórico, pode-se dizer que as modificações das obras via edição ocorrem por três motivos principais: natureza pessoal; questões ideológicas; e, ainda, aspectos mercadológicos.

Em coleções de livros assinadas por especialistas, afora os agentes convencionalmente envolvidos no processo, o organizador passa a exercer papel fundamental nesse processo de mediação editorial. Como afirma Maria Rita de Almeida

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), e-mail: taynara.iriias@gmail.com.

³ Este trabalho é um recorte da minha dissertação, intitulada “*E se eu ficasse eterna?*”: um itinerário de reescrituras das obras e das imagens públicas de Hilda Hilst ou um catálogo de edições, defendida em setembro de 2023 pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG.

Toledo (2010), nesses casos, o organizador atua como legitimador da seleção e do modo de organização estabelecido, convencendo o público-alvo de que a edição é confiável e atende ao objetivo proposto. Ainda segundo a estudiosa, “na materialidade do livro e nos dispositivos editoriais constitutivos da coleção, torna-se possível reconhecer estratégias que prescrevem leituras e modos de ler aos seus diferentes públicos” (Toledo, 2010, p. 140).

Partindo dessas perspectivas e da compreensão de campo literário e de livro como objeto de dupla face (mercadoria e significação), conforme Bourdieu (1996), é que buscaremos analisar a materialidade e outras escolhas editoriais adotadas nos volumes impressos da coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst”, publicada pela Editora Globo entre 2001 e 2008, em comparação à primeira edição dos livros. Isso a fim de identificarmos e discutirmos as modificações realizadas nas reedições e suas possíveis motivações (pessoais, ideológicas ou mercadológicas). Tal averiguação terá como foco os elementos paratextuais dessas edições, conforme Genette (2009), especialmente os peritextos. Assim, não analisaremos possíveis alterações nos textos principais dos livros.

CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO E MOTIVAÇÕES DA EDITORA GLOBO

Segundo Folgueira e Destri (2018), a obra completa de Hilda Hilst (HH) estava à venda na Casa do Sol (residência da escritora) quando o poeta Bruno Tolentino, um dos autores da Editora Globo, visitou o local, em 2001. O escritor foi quem sugeriu ao recém-contratado *publisher* da editora, Wagner Carelli, a publicação de HH pela casa. Carelli havia sido convidado ao cargo em uma estratégia da editora para se reestabelecer no mercado editorial, tal qual em seu período mais próspero. Em meio às estratégias de Carelli visando resgatar, para a então Globo de São Paulo, esse histórico editorial, estava justamente a detenção “dos direitos autorais sobre obras completas de autores consagrados” (Folgueira; Destri, 2018, p. 196). Dessa forma, a sugestão de Bruno se alinhou a essa perspectiva, despertando o interesse do *publisher*. Após negociações, os direitos de publicação das obras completas de Hilst foram adquiridos.

Embora até aquele período, após 50 anos de intensa produção literária, a escritora não tivesse conseguido um contrato de longo prazo com alguma editora de amplo alcance de distribuição, ela já era legitimada a partir de diversas instâncias. Assim, é importante salientarmos que a Globo não decide reeditar a obra de HH em

qualquer momento, mas sim quando a escritora acumula um nível de capital simbólico bastante alto, já, de certa forma, consagrada no campo literário.

Afora a perspectiva da transferência do capital simbólico já estabelecido da escritora para a editora, outro principal fato também parece ter contribuído para a edição: o aumento do interesse acadêmico em relação à HH. Além, evidentemente, de significar que já havia um público ao qual direcionar as edições, o aumento desse interesse não deixa de ser outra forma de a editora adquirir mais capital simbólico. Isso porque o crescimento de pesquisas sobre a escritora significaria não apenas possibilidade de venda dos livros, mas que a editora fosse referenciada nas teses, dissertações, artigos, entre outros produtos acadêmicos.

Para concretizar as publicações das obras de HH, a Globo então desenvolve a coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst”, com organização e plano de edição de Alcir Pécora, crítico, professor de teoria literária na UNICAMP e amigo de Hilda. Os estudos divergem sobre quem exatamente teria tido a ideia e indicado o nome de Pécora ao *publisher* da Globo, mas aparenta ser consenso de que a ideia não teria partido inicialmente de Carelli. A tal altura, Pécora já tinha um importante papel para a recepção acadêmica de Hilst, tendo aceitado o convite para executar a organização, desde que tivesse total liberdade para sua atuação dentro da editora e que Hilda aceitasse que ele fosse o organizador.

A COLEÇÃO “OBRAS REUNIDAS DE HILDA HILST”: ORGANIZAÇÃO, ALTERAÇÕES E MOTIVAÇÕES

Na coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst”, toda a produção de HH – originalmente publicada em 34 livros, entre 1950 e 2000 – foi reorganizada em vinte volumes, com aparato crítico e projeto gráfico padronizados. Segundo Folgueira e Destri (2018), a editora teria previsto, inicialmente, apenas três volumes, entretanto, Pécora teria feito a proposta para lançar as reedições em mais volumes, a qual foi aprovada.

Ao examinarmos os livros da coleção em contraste com as primeiras edições, identificamos significativas mudanças na organização das obras. Como principais exemplos, podemos citar: a mudança na ordem de publicação dos títulos; a publicação, em forma autônoma, de obras antes apresentadas em reuniões; o agrupamento de obras antes individuais, as quais foram lançadas em reuniões sob novo título; a supressão de

determinados peritextos originais das primeiras edições; e a inserção de aparato crítico padronizado e direcionado, entre outras alterações. Essas escolhas editoriais divergentes do que foi realizado nas versões originais são, no entanto, na maioria explicadas pelo próprio Pécora nos textos da “Nota do organizador” inseridos na abertura de cada volume, assim como em entrevistas e em outras obras. Analisando essas justificativas em conjunto e em associação às alterações, podemos visualizar que o organizador tinha perspectivas bem direcionadas acerca de qual tipo de reescritura das obras e da imagem de HH gostaria de efetuar no campo literário, via edição dos livros, e qual era o público que presumia.

Sobre as obras, duas motivações ideológicas principais guiam diversas dessas modificações: o desejo de que os leitores compreendessem o obsceno como temática que perpassa toda a produção de HH (e não livros específicos); e a reincorporação dos livros da tetralogia licenciosa da escritora à sua produção geral, eliminando a divisão entre obra “séria” (aquela que não contempla a tetralogia) e “pornográfica” (a tetralogia). Para tanto, como mencionado, Pécora também se vale ostensivamente das “Notas do organizador” de cada volume, justificando os direcionamentos de leitura propostos e possíveis mal-entendidos, além de fornecer novas chaves de leitura.

Em relação aos leitores, Pécora fala para um público presumido específico: o acadêmico. Isso fica visível no aparato crítico incluído na coleção, o qual é expressivo e bastante focado no público especializado, para o qual se direcionam os esforços do organizador. Percebemos, em diversos momentos, que Pécora, como crítico e professor universitário, busca despertar o interesse de novos pesquisadores acerca da obra de HH, a partir dos direcionamentos e reconfigurações que fornece na edição das obras.

Sobre as imagens públicas de HH, o organizador apresenta uma postura bastante rigorosa em busca de dissociá-las da obra da escritora, especialmente daquelas mais polêmicas (segundo Duarte (2014), os leitores, por vezes, tinham mais acesso às entrevistas de HH e ao que era escrito a seu respeito do que à obra da escritora, o que teria propiciado um crescimento mais elevado do imaginário sobre HH do que sobre sua produção literária). Essa postura vai se refletir no aparato crítico inserido nas edições, mas também na supressão de peritextos que compõem o projeto literário de HH, como no caso das irônicas e transgressoras contracapas de *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990a; 1990b) e de *Amavisse* (1989). Apesar das motivações do organizador, entendemos que, rígida, a proposição por dissociar as imagens da obra da escritora

causa, em alguns casos, prejuízo à própria obra. Seria necessário, talvez, uma perspectiva um pouco mais maleável.

Nos peritextos mais publicitários dos volumes da coleção, observamos que também não há destaque a essas imagens mais transgressoras de HH, optando-se por uma linha de edição mais neutra. Esses elementos, no entanto, reforçam uma imagem pública bem conhecida de Hilst: a da escritora que se recolheu na Casa do Sol. Dentre as imagens de HH circulantes, trata-se daquela que, de certa forma, mais se aproxima do objetivo de destacar a obra da escritora, em contraposição à sua figura. O destaque à Casa do Sol nas quartas capas dos livros é outro ponto interessante, tanto para ênfase à imagem supramencionada quanto em associação à perspectiva de tal lugar como arquivo – o que dialoga com um interesse do público presumido pelas edições.

Adicionalmente, em tais peritextos mais publicitários, também observamos que é dado mais destaque ao nome da escritora, sendo possível também verificarmos a participação mais explícita da editora na composição desses elementos. Dessa maneira, por mais que Pécora tenha indicado a autonomia total para a organização da coleção, o resultado das edições revela, inevitavelmente, o imbricamento das posições e tomadas de posição do organizador e da editora. Observamos que foi dada uma vasta liberdade ao crítico, mas essa autonomia também se associou ao alinhamento das suas perspectivas ao estado de campo e à política editorial da Globo naquele momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os três tipos de motivações (pessoal, ideológica e mercadológica) de reescrituras pontuadas por Lefevere (2007), podemos dizer que, nas reedições da obra de HH pela coleção da Globo, observamos especialmente motivações ideológicas e mercadológicas. Ideológicas principalmente por Pécora, que tinha bem definidos os direcionamentos de leitura que pretendia fomentar acerca da obra de HH, em detrimento da atenção às imagens da escritora. Mercadológicas pela editora que, mesmo em um direcionamento inicial mais voltado a um ciclo de produção longo, não deixava de visar um mercado acadêmico e mais simbólico. No que diz respeito às motivações pessoais da escritora, apesar de observarmos algumas situações e a concordância com o plano de organização da coleção por Pécora, tratava-se de um período em que HH havia decidido não mais participar tão ativamente das edições (sendo que a escritora faleceu em 2004, antes do término das publicações).

Sobre o público-alvo, a organização parece ter acertado naquele momento. A quantidade de trabalhos críticos sobre a obra da escritora aumenta significativamente a partir de 2002, segundo pontuado por Pécora (2018). Como mencionado, esse aumento já vinha sendo demonstrado. No entanto, pelo potencial legitimador e de distribuição das obras, a coleção faz parte importante desse movimento. No que diz respeito ao percurso editorial das obras de HH no Brasil, é a partir da coleção da Globo que podemos dizer que se começa a visualizar uma virada mais efetiva nesse tipo de recepção. Isso, no entanto, não é tão imediato quanto parece: depois do lançamento do último volume da coleção, há uma lacuna de praticamente quatro anos sem novas publicações, o que possivelmente se relacionou a questões mercadológicas. Segundo Alves (2012), o projeto de Carelli para reestabelecimento do catálogo da Globo, com altos custos e pouca previsão de lucros financeiros a curto prazo, “parece ter abalado a confiança dos dirigentes da empresa no audacioso *publisher*: Carelli foi demitido em dezembro de 2001” (Alves, 2012, p. 120). Assim, reitera-se a visualização da perspectiva mercadológica da editora naquele momento. A partir dos anos 2010, observamos que a Globo, ainda com contrato vigente para publicação das obras de HH, inclusive muda sua estratégia de edição, adotando uma perspectiva mais comercial.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mariana Garcia de Castro. *Hilda Hilst – respiros: uma experiência de divulgação*. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

DUARTE, Edson Costa. A recepção da literatura de Hilda Hilst. *Palimpsesto* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [s.l.], v. 13, n. 18, p. 135-145, jun. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/34894>. Acesso em: 07 abr. 2022.

FOLGUEIRA, Laura Santos; DESTRI, Luisa. *Eu e não outra: a vida intensa de Hilda Hilst*. São Paulo: Tordesilhas, 2018.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução Cláudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.

PÉCORA, Alcir. Notas sobre a fortuna crítica de Hilda Hilst. In: DINIZ, Cristiano. *Fortuna crítica de Hilda Hilst: levantamento bibliográfico atualizado (1949-2018)*. Campinas: Unicamp/IEL/Setor de Publicações; Unicamp/IEL/CEDAE, 2018a.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livro. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.